

## RESENHA

### COMO AS ESCOLAS FAZEM AS POLÍTICAS: atuação em escolas secundárias



Por *Leonardo Dias da Fonseca*  
Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, RJ, Brasil

BALL, S. J.; MAGUIRE, M.;  
BRAUN, A. *Como as escolas  
fazem as políticas: atuação em  
escolas secundárias*. Trad. Janete  
Bridon. Ponta Grossa: Editora  
UEPG, 2016.

*Como as escolas fazem as políticas* é um livro organizado a partir da pesquisa empírica de quatro escolas secundárias inglesas. Um estudo destinado aos educadores e aos pesquisadores em educação que pensam, vivenciam e refletem sobre o cotidiano escolar e as políticas públicas educacionais.

O ponto central do estudo, que os autores deixam claro na apresentação da edição brasileira, é a conceituação da relação entre a política e a prática. Afirmam que esse é um binário enganoso e desenvolvem a desconstrução dessa correlação. O livro apresenta, na palavra dos autores, “como as escolas e os professores realmente fazem política na prática”.

Disposto em 7 capítulos, no primeiro – *Fazendo pesquisa sobre atuação de políticas*, Ball, Maguire e Braun iniciam comentando sobre o desafio da escrita, sobretudo quando ela é coletiva, e admitem que não consideram este texto como fechado ou terminado. Nesse capítulo introdutório, expõem aspectos da pesquisa e do conceito de política como um processo, algo diverso, encenado e colocado em atuação, em vez de implementado. Para os autores, essas atuações ocorrem “dentro das instituições e das salas de aula, mas de maneira

que são limitadas pelas possibilidades de discurso” (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016, p. 13). Os autores, portanto, ao longo dessa parte introdutória, exploram teoricamente o conceito de atuação da política (*policy enactment*).

No Capítulo 2, os autores discutem sobre a contextualização de atuação de políticas e a dependência contextual. Eles iniciam o capítulo afirmando: “queremos levar o contexto a sério” (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016, p. 35). Elaboram um dispositivo heurístico, no qual apresentam um quadro para classificação dos aspectos contextuais divididos em *contextos situados*, *culturas profissionais*, *materiais* e *contextos externos*. Segundo os autores, cada escola possui situação única, seja nos aspectos históricos, na infraestrutura ou no perfil de pessoal, e tudo isso deve ser levado em consideração nas análises das políticas, mas que, muitas vezes, não é considerado.

As interpretações e significados das políticas por parte dos sujeitos da escola são os destaques do Capítulo 3 – *Fazendo atuação: pessoas, significados e trabalho com políticas*. Nele os autores desenvolvem a distinção heurística entre interpretação e tradução. Para eles, a primeira seria uma leitura inicial, um trabalho de decodificação da política pelos sujeitos das escolas a partir de eventos e reuniões. Já a tradução seria a transformação da política em “materiais, práticas, conceitos, procedimentos e orientações” (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016, p. 70):

*A interpretação é um compromisso com as linguagens da política, ao passo que a tradução está mais próxima às linguagens da prática. A Tradução é uma espécie de terceiro espaço entre política e prática. É um processo interativo de fazer textos institucionais e colocar esses textos em ação, literalmente “atuar” sobre a política usando táticas que incluem conversas, reuniões, plano, eventos, “caminhadas da aprendizagem”, bem como a produção de artefatos e empréstimos de ideias e práticas de outras escolas (...). (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016, p. 69).*

Em *Sujeitos da política: criatividade restrita e tecnologias de avaliação nas escolas*, capítulo 4, Ball, Maguire e Braun relatam, através das entrevistas, as pressões e as estratégias das quatro escolas em encenar as políticas nacionais de resultados. É enumerada uma lista diversificada de técnicas, “atividades, programas e intervenções” utilizados por essas escolas em respostas às pressões da política, a fim de melhorar os índices dos exames nacionais (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016, p. 119).

A gestão de comportamento é o tema central do Capítulo 5 – *Sujeitos da política: fazendo política de comportamento nas escolas*. Nele se reflete sobre como as escolas lidam com o comportamento, a disciplina e a sua gestão e organização. O comportamento é entendido pelas escolas como um fator que afeta a aprendizagem e os resultados, portanto, a gestão da sala de aula e o controle dos estudantes são preocupações das políticas de comportamento dos gestores e dos professores.

No Capítulo 6 – *Artefatos da Política: discursos, representações e traduções*, os autores descrevem as políticas como estratégias discursivas:

O processo de produzir/fazer conjuntos de ideias sobre as políticas que se tornam parte do “tidas-como-evidente” da escola envolve, frequentemente, a produção de representações e de traduções, simulacros de textos de políticas primários. (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016, p. 171).

É a partir da confecção de um “conjunto de artefatos, experiências, recursos materiais e atividades durante o serviço” que as políticas são traduzidas e representadas com a finalidade de documentar e ilustrar “o que tem de ser feito, ou qual é a conduta desejável” (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016, p. 172).

Por último, encerrando o livro, o Capítulo 7 – *Em Direção a uma Teoria de Atuação* sintetiza o pensamento em relação “à questão teórica e empírica de como as escolas fazem política”. Os autores afirmam que utilizaram como

método principal de análise uma interação contínua entre dados e teoria. Destacam, em um determinado momento do capítulo, dois pontos dessa interação: “a importância de práticas, as formas rotineiras e banais em que as políticas são colocadas em ação”, e citam, como exemplos, reuniões, eventos e intercâmbios que “colocam a política nas interações imediatas e íntimas do cotidiano da escola”. Eles retomam, ainda, a importância dos artefatos, discutidos no capítulo anterior, “tanto para a realização quanto para a representação da política em relação à prática.” (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016, p.192). Trazendo a contribuição de Foucault, os autores definem:

Baseados em Foucault, vemos a política como desdobramento não por meio de eventos de grande escala, gestos e intervenções, mas, sim, por meio de um complexo “microfísico”. Em ambos os casos, os professores são “elaboradores de sentido”; eles colocam criatividade e compromisso, seu entusiasmo, na atuação da política, mas essa criatividade e esse compromisso envolvem trabalhar neles mesmos, em seus colegas e em seus alunos, a fim de “fazer” política e fazê-la bem. (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016, p.192).

*Como as Escolas Fazem as Políticas: atuação em escolas secundárias* traz uma importante contribuição ao campo educacional brasileiro por ser mais uma ferramenta teórico-metodológica para analisarmos e entendermos as políticas educacionais e as atuações políticas da escola.

## Referência

BALL, S. J.; MAGUIRE, M.; BRAUN, A. *Como as escolas fazem as políticas: atuação em escolas secundárias*. Trad. Janete Bridon. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016.

## **SOBRE O AUTOR**

LEONARDO DIAS DA FONSECA é doutorando em educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Substituto do Departamento de Ciências Humanas da UFF (PCH/INFES/UFF). Professor da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro.  
*E-mail:* [leonardodiasdafonseca@gmail.com](mailto:leonardodiasdafonseca@gmail.com)

Recebido em: 02.04.2018  
Aceito em: 10.04.2018